

AGROECOLOGIA: A PRODUÇÃO DA MENTIRA

Zander Navarro¹

Sinceros agradecimentos são devidos, inicialmente, aos editores da Colóquio. Não somente a aceitação do artigo original - sobretudo, pela preparação do “dossiê agroecologia” desse número, constituído de quatro artigos de imensa relevância analítica, cada um com ênfase em focos distintos. Motivados por postura plural, faceta que vai se tornando rara entre nós, os editores informaram que uma dezena ou mais de pesquisadores e defensores da agroecologia foram convidados para integrar o “dossiê”, com textos que analisassem criticamente o artigo antes publicado, a eles sendo oferecidos generosos espaços para as réplicas. Nenhum deles aceitou. Por quê? Se o artigo inicial fosse visivelmente defeituoso, incorreto ou falso, sob algum ângulo, deveria ser fácil o exercício da crítica e a demolição da teia argumentativa original. A recusa parece ser o recurso típico das seitas e dos dogmatismos proto-religiosos, cuja única salvaguarda é fechar-se no interior de suas redomas doutrinárias e manter rígida postura refratária a algum debate que possa apontar fissuras neste campo de autoproteção. Se a agroecologia se revestisse de pelo menos algum raspão científico, se abriria ao debate, pois a discussão é um pressuposto irrecusável e frutificador em todos os campos do mundo da ciência. A recusa indica, sem dúvida alguma, que se trata apenas de uma seita nascente, a qual tem mobilizado um grande número de ingênuos simpatizantes, manipulados por um pequeno número de espertos integrantes de um “núcleo político”, cujos objetivos nada tem com a agricultura *per se* e, menos ainda, com o bem estar das famílias rurais. É preciso deplorar a inexistência desta necessária e urgente discussão, ampla e sem vetos prévios, que poderia ocorrer nessas páginas. Não ocorrendo, é evidência, entre tantas, das tentativas que atualmente vicejam no Brasil de bloquear a pluralidade de opiniões, forçando sedimentar uma narrativa única sobre os fatos da vida social.

As iniciativas “oficiais” que citam o termo agroecologia inacreditavelmente vêm se ampliando, desperdiçando fundos públicos em montantes astronômicos (inclusive sem licitação), sem que seus proponentes, mesmo que sejam servidores do Estado, sequer se preocupem em justificar o que entenderiam por aquele termo. São recursos

¹ Pesquisador, Embrapa Estudos e Capacitação. Insista-se que as opiniões contidas neste artigo não refletem necessariamente as posições institucionais da empresa pública à qual o autor está vinculado. zander.navarro@embrapa.br

para supostas pesquisas e cursos, além de bolsas para pós-graduação sob o selo da agroecologia – enigmático termo, contudo, jamais satisfatoriamente nem mesmo definido. O que justifica, ainda mais, a urgência do debate sobre esse estranho fenômeno que não é apenas de nomeação, mas é inaceitável operação sócio-política – os recursos financeiros da sociedade são usados para promover algo que ninguém define com precisão e inteligibilidade, evidenciando uma mistificadora manipulação política e, em última análise, uma farsa perpetrada contra a sociedade.

Sem o debate livre que precisamos ver nascer, ficam pendentes muitas perguntas, mas algumas delas contaram com respostas ou recomendações reveladoras, que foram oferecidas pelos colegas que comentaram o artigo antes publicado. Os quatro artigos anteriores lidam com temas diferenciados, ampliando e iluminando alguns subtemas que merecem aprofundado debate e que demonstram que o problema é muito mais grave do que havia sido inicialmente percebido. Com sinceridade, sou igualmente grato a esses colegas, não apenas respeitáveis profissionais em seus campos disciplinares, mas cientistas no sentido mais radical e generoso da palavra, pois primordialmente abertos à discussão irrestrita e sem nenhum condicionante prévio. São as contribuições necessárias para fortalecer as luzes da ciência e vencer mais este período histórico “assombrado pelos demônios”, na famosa analogia (SAGAN, 1995).

1 QUATRO PERGUNTAS (AINDA) SEM RESPOSTAS

1 - Agroecologia tem algo a ver com ciência?

Amilcar Baiardi, um de nossos maiores especialistas sobre a “economia política da agricultura”, mas também analista reconhecido em políticas de ciência e tecnologia, professor em diversas universidades (brasileiras e estrangeiras), em seu curto ensaio sugere amplos olhares analíticos sobre o tema em discussão. Vencedor do “Prêmio Jabuti” (1997), oferecido pela Câmara Brasileira do Livro para a melhor obra em C&T, Baiardi tem estudado a evolução dos sistemas agrícolas na história da humanidade e argumenta que há uma contínua apropriação de conhecimentos acumulados e aplicados desde sempre e, portanto, nem mesmo no alvorecer da chamada agricultura moderna, na segunda metade do Século XIX, teria ocorrido uma ruptura e, menos ainda, uma “revolução científica”. A Agronomia, enfatiza o autor, articula uma continuidade evidente entre o conhecimento clássico e o contemporâneo, pois todas as vertentes que estudaram o funcionamento prático da agricultura procuraram propor o convívio equilibrado das famílias rurais com os recursos naturais. O artigo cita, ainda que ilustrativamente (em face do espaço insuficiente), uma sequência de eventos marcantes na capacidade social da agricultura de elevar seus rendimentos e eficiência geral, em momentos históricos decisivos que permitiram às sociedades humanas ir se “descolando” dos imperativos da natureza.

Sob este foco evolutivo, Baiardi sugere a insustentabilidade da agricultura moderna, argumentando ser inevitável a permanente criação de circunstâncias e condições de ruptura que, gradualmente, produzirão outros paradigmas sobre a organização tecnológica da agricultura, sem fundar-se no reducionismo químico. Mas, acentua, “[...] tudo

isto se dará na esfera da ciência”, e serão mudanças que vem ocorrendo até mesmo no interior da agricultura moderna e convencional, que é pragmática e continuamente se ajusta à necessidade de produzir alimentos e matérias primas em acordo com a demanda e com a necessária segurança alimentar. Gradualmente adentramos uma “era da biologia” que vai substituindo uma “era da química”, mas esta passagem exige novos protocolos científicos, com raízes em experiências anteriores. Baiardi, neste relato histórico, nota que o pensamento agrônomo, regularmente, vem sendo invadido por proposições “pré-científicas ou fabulatórias”, assentadas em crenças fantásticas e no pensamento mágico. Ao questionar as insuficiências da agroecologia, Baiardi realça um aspecto objetivo que os proponentes deste “campo emergente” jamais explicaram razoavelmente: como atender à demanda de alimentos e matérias primas de origem agrícola para a gigantesca demanda mundial? O autor responde com propriedade e precisão:

[...] o problema da agroecologia é que ela não dá a menor pista de como irá alcançar uma produtividade compatível com a sobrevivência da sociedade industrial, para então, a partir daí, preservá-la. Se não dá, é meramente um exercício de retórica, uma narrativa mítica, muito ao gosto da não ciência, do obscurantismo impresso no paradigma escolástico e não da ciência, como se largamente entende.

2 - Como interpretar sociologicamente a agroecologia no Brasil?

Paulo Freire Mello, um agrônomo-tornado-sociólogo com sólida formação neste último campo disciplinar e, apesar de ser um jovem pesquisador, já investido de uma rica experiência de campo como estudioso em Ciências Sociais, introduz uma pergunta inquietante, mas urgente. É pergunta original e desafiadora, como tem sido os estudos de Mello: sua dissertação de mestrado pesquisou pioneiramente o tema da evasão em assentamentos rurais e sua tese de doutoramento é notável estudo sobre o desenvolvimento de formas de clientelismo político nessas áreas reformadas (as referências bibliográficas correspondentes podem ser encontradas no final de seu artigo). Se os nossos espaços de debate acadêmico não estivessem tão fortemente interditados, atualmente, em face da tentativa de se erigir uma “narrativa dominante” com fins partidários e de construção de uma hegemonia política (nitidamente antidemocrática), a pergunta introduzida por Mello já deveria estar animando a todos nós, pois é, concretamente, uma ambiciosa agenda de pesquisa. A pergunta é sobre a melhor forma de analisar sociologicamente a formação deste grupo de aderentes ao campo agroecológico e sua diversidade interna, esforço que o artigo original apenas esboçou. Questiona também (pois é faceta politicamente grave) sobre a entrada de uma contrafação, como a agroecologia, na agenda das políticas públicas, o que ainda não tem sido objeto de contestação formal.

Mello comenta a mudança de nomeação, da “agricultura alternativa” dos anos oitenta para a atual agroecologia, e sugere desafios práticos para a implantação de formatos tecnológicos diferentes da agricultura moderna, não apenas em termos da contínua redução da força de trabalho rural, mas também as menores produtividades encontradas em situações técnicas da agricultura ecológica. Mas o centro de seu comentário é a pergunta acima, a qual sugere uma verdadeira agenda de pesquisa para os cientistas sociais que analisam o surgimento de iniciativas como a da agroecologia no Brasil

e tentam interpretá-las. Sua sugestão explicativa inicial é instigante, pois julga que os agroecologistas poderiam ser vistos como grupos contraculturais portadores de padrões de *habitus* “predispostos a uma proposição [contestadora] de mundo”, padrões esses que Mello sugere serem capazes de “proporcionar lucros simbólicos aos agentes”, ainda que a realidade demonstre que tais lucros, atualmente, também podem ser monetários, conforme tantas evidências empíricas. Adepto da Sociologia de Bourdieu, Mello garimpa uma saborosíssima citação do livro clássico do brilhante sociólogo francês (“Distinção”), na qual Bourdieu cita os agentes de uma “anticultura adolescente” movidos por um “humor anti-institucional”, os quais assim criam uma “arte de viver” altamente lucrativa, pois assegura “gratificações e prestígio”. Não poderia ocorrer sucinta citação tão perfeita para identificar pelo menos uma parte do grupo agroecológico, aqueles membros do chamado “núcleo político”.

3 - E a prática da vida real, tem alguma relação com a agroecologia?

O comentário oferecido pelo engenheiro agrônomo e agricultor Filipe Feliz Mesquita, por sua vez, é interessantíssimo, sobretudo por descrever uma situação concreta e fascinante de “agricultura ecológica”. Seu comentário consegue indicar os principais dilemas e desafios da experiência analisada. Mas, em especial, o artigo é revelador por ser Filipe Feliz um inquestionável militante da agricultura antes alternativa, depois ecológica, assim como integrante do campo partidário que vem estimulando a fantasia agroecológica no Brasil. O artigo é notável por muitos aspectos, desde o currículo militante do autor no campo da agricultura ecológica (seguidor da teoria proposta pelo francês Chaboussou) à experiência sob o seu comando que se tornou em larga escala. Sem receber nenhum subsídio público, de nenhuma natureza, como ocorre atualmente na maior parte dos casos conhecidos, é impressionante a experiência da empresa “Horta & Arte”, que chegou a distribuir hortaliças usando 22 caminhões diários, na Grande São Paulo, Baixada Santista, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Brasília, também se dedicando à exportação. A firma chegou a ter uma equipe técnica com dez agrônomos, capazes de planejar os plantios com um ano de antecedência, envolvendo em torno de 1,2 mil pessoas diretamente, entre funcionários, produtores e seus familiares, e os técnicos participantes.

Entre outros, pelo menos quatro aspectos principais chamam a atenção no relato descritivo de Mesquita. Primeiramente, é curto texto, mas valiosíssimo porque “tem os pés no chão”, ao contrário de praticamente toda a literatura sobre agroecologia que existe no Brasil (quase sempre escrita por técnicos de extração urbana). É a sucinta apresentação de uma experiência concreta e de porte considerável. Em segundo lugar, porque um dos aspectos mais enfatizados por uma visão ecologizada da agricultura, que seria o princípio da diversificação produtiva, concretamente se mostra inviável, em face da complexidade decorrente. O artigo de Filipe Mesquita registra a trajetória de uma tentativa inicial de produção de trinta tipos de hortaliças associados à produção animal (avicultura e suinocultura) que foi sendo reduzida até chegar ao receituário de seis tipos de hortaliças – e nada mais. Ou seja, a repetitiva crítica da agroecologia à monocultura da agricultura moderna se mostra, na prática, quase impossível de ser revertida, pois

o sucesso da atividade passa pelo requisito da simplicidade no manejo, o que todos os agricultores almejam.

Um terceiro aspecto, que apenas menciono, mas é de enorme importância, diz respeito à farsa de contrabandear o termo “agroecologia” (que não identifica um modelo tecnológico a ele associado) para o conjunto de outros modelos antes existentes – agricultura natural, orgânica, ecológica, biodinâmica, entre outras vertentes menores. Desmascara-se assim a tentativa dos aderentes da agroecologia de apenas desenvolverem, principalmente, uma iniciativa política que se apresenta falsamente como “tecnológica”. E o quarto aspecto descrito por Mesquita é o mais imediato e urgente de todos: os agroecológicos são anticapitalistas? Se sim, por que não são honestos para assim explicitarem, claramente? Se existisse esta desejável honestidade política, o debate se tornaria transparente e deixaria de existir a manipulação ora em curso.

4 - Por que precisamos reagir a esta fraude?

Finalmente, o artigo de Walter Colli, assim como os demais, também apresenta extraordinária relevância, a qual extrapola a sua dimensão de algumas poucas páginas. O texto discute, em uma parte expressiva, o tema espinhoso do lisenkoísmo, infelizmente tão presente na história do capitalismo histórico – as relações entre o conhecimento, a política e as formas de poder e dominação. Colli ostenta uma meritória e destacada carreira digna dos maiores prêmios e o reconhecimento da sociedade, sobretudo quando comandou a primeira coordenação da CTNBio por cinco anos e precisou enfrentar incríveis situações de rebaixamento acadêmico e profissional, produzidas por grupos de contestação, quase todos eles falsamente disfarçados de cientistas. Em um país sério, aquelas situações fariam a comunidade acadêmica imediatamente levantar-se, para defender as práticas científicas ameaçadas por grupelhos de ludistas stalinistas de mentalidade pré-histórica. Por isso, a frase do autor é a chave de sua argumentação: “[...] não há exemplos de uma disciplina científica que tenha sido criada contra inimigos por ela identificados”, embora muitos agroecologistas julguem, com impressionante ingenuidade, que estariam, de fato, “criando uma ciência”, sem perceber que estão apenas fazendo o jogo político de terceiros.

O notório caso de Trofim Denisovich Lysenko e a espantosa sequência de fatos produzidos pelo chamado “lisenkoísmo” na história do período stalinista da antiga União Soviética seria um exagero, se aplicado a esta situação ora sendo discutida? Sob o ângulo da intimidação ora em curso, o peso do Estado se inclinava apenas em uma direção e o uso político e partidário para reforçar a tentativa de criar uma “narrativa única” (não apenas hegemônica, mas absoluta) na compreensão sobre o desenvolvimento agrário e o próprio capitalismo, não se trata de nenhum exagero. É absurdo o uso de fundos da sociedade para estimular supostas “pesquisas” no campo da agroecologia, promovido pelo CNPq, MDA e outros organismos públicos, quando tais proponentes sequer conseguem definir o que seria agroecologia – para isto, basta examinar os documentos daquelas instituições.

Colli é um renomado cientista com história acadêmica exemplar, desenvolvida naquela que é a nossa mais importante Universidade, e corretamente insiste que a cons-

trução científica não se materializa a partir de embates políticos e disputas ideológicas, pois as práticas da ciência sedimentaram cânones estabelecidos, em longo período histórico. Assim, rótulos como “ciência acadêmica” e “ciência popular”, em ambientes que gradualmente tornam-se autoritários, são extremamente perigosos e precisam ser combatidos sem tréguas por todos aqueles que se vêem como democratas. Como bem acentua Colli, “[...] grupos que professam essas quase-religiões podem ser fonte de inspiração para perseguição política à Ciência e aos cientistas”. Por isto, este é artigo de importância decisiva para o debate sobre as condições sociais e políticas que impulsionam uma ideologia quase-religiosa - a agroecologia - no Brasil.

2 COMO CONCLUIR?

No artigo original, a seção relativa às conclusões é iniciada com a afirmação forte de ser a agroecologia, tal como praticada no Brasil, uma fraude. Infelizmente, é preciso insistir no termo, pois se trata, de fato, da construção de uma mentira, lembrando a experiência de Lysenko, tão bem resumida por Walter Colli. Estamos nos desmoralizando, como comunidade científica, com esta inacreditável iniciativa de um grupo de militantes partidários, agora incrustados no Estado brasileiro e, por isso mesmo, um grupo capaz de impulsionar editais, licitações e chamadas públicas destinadas a “promover a agroecologia” em nosso país. Se tais iniciativas não forem rapidamente interrompidas, comprometeremos para sempre nosso percurso na direção de uma agricultura sustentável, inclusive fazendo das instituições de pesquisa o objeto de intensa ridicularia por parte dos estudiosos que, em futuro próximo, se debruçarão sobre este período e iluminarão esta persistente idiotia institucional ancorada em incontável desperdício de fundos públicos. Portanto, em conclusão, é preciso reiterar a pergunta: até quando terá continuidade esta flagrante ingenuidade (ou conivência) em nossas instituições, decorrente da ação do núcleo de “operadores” (majoritariamente formado por pesquisadores, extensionistas e professores), engrossados pela cega infantaria estudantil, mas todos conduzidos sob os cordéis manipulados à distância por um pequeno grupo de militantes agrupados em um “núcleo político” (donos de ONGs e militantes ocupantes de cargos comissionados), núcleo este movido por objetivos exclusivamente partidários e ideológicos?

REFERÊNCIAS

SAGAN, C. *O mundo assombrado pelos demônios*. A ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia de Bolso, 1995.